

**A FILOSOFIA EXISTENCIALISTA DE SARTRE E O DISCURSO LITERÁRIO EM TORNO DA MORTE**

[SARTRE'S EXISTENCIALIST PHILOSOPHY AND THE LITERARY DISCOURSE ABOUT DEATH]

**Jarbas Vargas Nascimento**  
[jvnfl@yahoo.com.br](mailto:jvnfl@yahoo.com.br)

*Pós-doutor na área de Letras, pela UNESP - Campus Assis. Doutor em Letras (Semiótica e Linguística Geral) pela Universidade de São Paulo - USP. Mestre em Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP, Bacharel e Licenciado em Letras (Português-Francês) pela Faculdade Nossa Senhora Medianeira SP, Bacharel e Licenciado em Filosofia pela Faculdade Nossa Senhora Medianeira - SP.*

**Anderson Ferreira**  
[andersonferreirasp94@gmail.com](mailto:andersonferreirasp94@gmail.com)

*Doutor, mestre e especialista em Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo-PUC- SP, com estágio sanduíche pela Universidade do Minho - UMinho-ILCH, Portugal, com bolsa CAPES/PDSE. Bacharel e Licenciado em Filosofia pela Universidade Federal de São Paulo, Unifesp, e Licenciado em Letras Português-Literatura pela Universidade Guarulhos, UNG.*

**DOI: [10.25244/1984-5561.2024.6343](https://doi.org/10.25244/1984-5561.2024.6343)**

Recebido em: 8 de julho de 2024. Aprovado em: 8 de novembro de 2024

Caicó, ano 17, n. 1, 2024, p. 79-93  
ISSN 1984-5561 - DOI: [10.25244/1984-5561.2024.6343](https://doi.org/10.25244/1984-5561.2024.6343)  
Dossiê Filosofia e Literatura



**Resumo:** Nosso artigo examina, com base na Filosofia Existencialista de Sartre, o fenômeno da morte, para relacioná-la ao dispositivo criativo do discurso literário de Lya Luft, no texto *Estamos todos na fila*. Mobilizamos como aparato teórico a Filosofia Existencialista de Sartre, com enfoque na concepção de morte, compreendida como a finitude de um projeto dos seres humanos. Identificamos, em particular, no discurso literário *Estamos todos na fila*, de Lya Luft, uma perspectiva nãilista na maneira pela qual a morte é abordada; também, verificamos em que medida na Filosofia e na Literatura, aqui destacadas, a morte pode significar a aniquilação completa do princípio vital humano. Os resultados comprovam que a Filosofia existencialista sartreana e o discurso literário de Lya Luft constroem espaços filosófico-discursivos, que enfatizam a morte como aniquilação de todas as possibilidades humanas, um limite absoluto e lembram a finitude da vida e a necessidade de escolhas autênticas e responsáveis.

**Palavras-chave:** Filosofia. Literatura. Existencialismo. Sartre. Lya Luft. Morte.

**Abstract:** This article examines, based on Sartre's Existentialist Philosophy, the phenomenon of death, to relate it to the creative device of Lya Luft's literary discourse, in the text *Estamos todos na fila* (*We are all in line*). We mobilized as a theoretical apparatus the Existentialist Philosophy of Sartre, focusing on the conception of death, understood as the finitude of a human project. We have particularly identified in the literary discourse *Estamos todos na fila*, from Lya Luft, a nihilistic perspective on the way in which death is approached; also, we have verified to what extent in Philosophy and Literature, highlighted here, death can mean the complete annihilation of the human vital principle. The results prove that Sartrean existentialist philosophy and Lya Luft's literary discourse construct philosophical-discursive spaces, which emphasize death as the annihilation of all human possibilities, an absolute limit, and remind the finitude of life and the need for authentic and responsible choices.

**Keywords:** Philosophy. Literature. Existentialism. Sartre. Lya Luft. Death.

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O presente artigo tem como tema a aproximação da Filosofia com a Literatura, de modo a refletir acerca da intersecção entre o pensamento filosófico e a expressão artístico-literária. Em particular, privilegiamos a questão da morte na Filosofia Existencialista de Sartre para relacioná-la ao dispositivo criativo do discurso literário de Lya Luft, no texto *Estamos todos na fila*.<sup>1</sup> Para tal empreendimento, recorreremos à Filosofia de Sartre, um dos mais relevantes filósofos existencialistas, dando destaque à concepção de morte e de finitude dos seres humanos para, por fim, analisar o discurso literário em foco e suas implicações no posicionamento da Filosofia sartreana ao tratar da morte.

Com isso, objetivamos identificar no discurso literário *Estamos todos na fila*, de Lya Luft, uma perspectiva niilista na maneira pela qual a morte é abordada, isto é, como o fim absoluto da existência; também, verificar em que medida na Filosofia e na Literatura a morte pode significar a aniquilação completa do princípio vital humano, conforme expressa o Existencialismo sartriano. Visamos a destacar, também, a relação entre o filosófico e o literário acerca da morte, a qual se apresenta não apenas como um ato físico e biológico, mas também como uma realidade estético-existencial, que desafia a confrontar a nossa liberdade e assumir a responsabilidade por nossas escolhas. Justifica-se a escolha da morte a possibilidade de pensar os limites morais e existenciais da vida humana, que nos acarreta sempre certa preocupação. É Sartre quem afirma ser a existência um absurdo porque, embora os seres humanos construam projetos e sonhos durante sua existência, são continuamente premidos pela consciência da morte, que pode interromper seus planos. Neste sentido, a existência não tem explicação, pois ela não se justifica por si mesma (Sartre, 2003).

Afora estas *Considerações iniciais e as finais*, o presente artigo está organizado em três seções: na primeira, tratamos da morte, evocando a expressão latina *memento mori*, para ressaltar que a temática da morte recorta a tradição filosófica e o *Thesaurus* literário de que temos conhecimento. Na segunda, tratamos das atitudes dos homens perante a morte na sociedade ocidental e suas intersecções com a Filosofia e Literatura. Na terceira seção, discorreremos sobre o sentido da morte, como um limite existencial que influencia nossa vida, privilegiando a obra *O Ser e o Nada*, de Sartre em sua edição de 1953, em paralelo, procedemos aproximações com o discurso literário *Estamos todos na fila*, de Lya Luft, texto selecionado para ser objeto de análise.

### 1 MEMENTO MORI

A expressão latina *memento mori*, cuja tradução significa “lembra-te que morrerás”, prestava-se na sociedade greco-romana como forma de meditação sobre a mortalidade, isto é, servia como a lembrança da morte. Para além do seu sentido literal, *memento mori* significava lembrar ao homem

---

<sup>1</sup> Um problema de autoria pode ser suscitado sobre o texto *Estamos todos na fila*, atribuído a Lya Luft. De fato, não encontramos nos livros publicados pela autora referências a esse texto. O site *Boatos.org* afirma ser um engano atribuir o texto a Luft, porque, segundo eles, “o texto apresenta as principais características de *fake news* na internet, como o caráter vago, a falta de provas e a ausência de notícias sobre o assunto em veículos de comunicação confiáveis”. Para nós, no entanto, a questão da autoria não é um problema, já que operamos, neste trabalho, com o espaço discursivo engendrado pelo texto, no qual a discussão sobre a morte se inscreve para quebrar o habitual silêncio. Vale aqui o registro que, ao longo deste trabalho, atribuímos o texto em foco a Lya Luft.

que havia uma possibilidade de viver sua vida ao máximo e não desperdiçar tempo com pensamentos fúteis e desejos excessivos. *Memento mori* também adquiriu um sentido – um tanto moralista – de “vigiar a humildade”. Dizem que, na Roma antiga, toda vez que um general vencida uma batalha e voltava para ser saudado pelos cidadãos em desfile nas ruas, ouvia baixinho ao pé do ouvido a expressão “*memento mori*”, sussurrada por um escravo. Toda a sua glória, (“era preciso lembrar”), um dia também acaba, o que poderia parecer doloroso, mas nem sempre corresponde a uma verdade.

Desde a Antiguidade, a morte é vista por muitas pessoas como uma função da natureza. Godelier (2017) cita o filósofo estoico e imperador romano, Marco Aurélio (121d.C-180 d.C), para quem a morte é uma função natural; por isso, para ele, temer a morte seria ser inocente como uma criança. Não precisamos ir tão longe no tempo para encontrarmos esse pensamento, pois muitos médicos, biólogos e, para além das ciências, ateus encaram, muitas vezes, a morte como uma função da natureza. Contudo, esse ponto de vista não apaga o fato incontestável de que as atitudes dos homens perante a morte tornam-na um acontecimento social, cultural e religioso, socializado das mais diversas maneiras em cada sociedade e, também, tornado objeto filosófico de reflexão.

No pensamento de Platão, por exemplo, a morte é discutida por meio da noção de vida pós-morte; noção, evidentemente, não cristã. Essa concepção, visando a fortalecer o empreendimento filosófico, afirma que a “alma sobrevive como uma tentativa de salvaguardar uma imortalidade para a vida humana” (Fontana, 2020, p. 100). Por isso, para a filosofia platônica, o debate sobre a morte é crucial.

E agora, juízes, pretendo expor-vos as razões de estar convencido de que o indivíduo que se dedicou a vida inteira à Filosofia, terá de mostrar-se confiante na hora da morte, pela esperança de vir a participar, depois de morto, dos mais valiosos bens. [...]

Embora os homens não o percebam, é possível que todos os que se dedicam verdadeiramente à Filosofia, a nada mais aspirem do que a morrer e estarem mortos. Sendo isso um fato, seria absurdo, não fazendo outra coisa o filósofo toda a vida, ao chegar esse momento, insurgir-se contra o que ele mesmo pedira com tal empenho e em pós do que sempre se afanara (Platão, *Fedon*).

Já no epicurismo a reflexão sobre a morte inclina-se à nadificação. A morte, diz Epicuro (2002), não é nada, não nos concerne, pois todo bem e todo mal reside nas sensações, as quais a morte priva. Assim como a filosofia platônica, o debate sobre o tema da morte não é interdito no epicurismo. Em outras palavras, o epicurismo não é a gênese do tabu contemporâneo sobre a morte, como se pensa. Pelo contrário, na carta a Meneceu, mais conhecida como *Carta sobre a felicidade*, Epicuro escreve sobre a morte, afirmando a necessidade de vencer o medo da morte, pois “não existe nada de terrível na vida para quem está perfeitamente convencido de que não há nada de terrível em deixar de viver” (Epicuro, 2002, p. 27).

*Memento mori*, como temática, também atravessa a filosofia de Schopenhauer (1788-1860), particularmente, no texto chamado *Metafísica da morte*, no qual, em diálogo com Sócrates, afirma que a morte é a musa da filosofia.

Para esse filósofo a morte está ligada a morte do eu, do sujeito, mas não de sua essência íntima, a vontade de viver. Morrer é terminar a individualidade, a aparência e não a essência de nosso ser. Ele cita ainda o nirvana dos budistas

**A filosofia existencialista de Sartre e o discurso literário em torno da morte**

NASCIMENTO, Jarbas Vargas; FERREIRA, Anderson

como forma de negar a vontade de viver e consumir a morte tanto da aparência quanto da essência do ser, a existência se torna nada. [...] O budista ao atingir o nirvana e com a morte alcança a nadificação se libertando da cegueira da vontade (Fontana, 2020, p. 100).

Com efeito, a temática da morte está presente nas reflexões mais sensíveis e ontologias profundas na história da filosofia. Os estudos filosóficos atuais que tratam do existencialismo enfatizam a contribuição de Sartre (1905-1980), um dos filósofos mais importantes do existencialismo, nas discussões que aborda a morte, pois esse tema complexo e central é recorrente nas diversas obras que publicou. Refletir sobre a morte é, sem dúvida, um desafio, mas também uma oportunidade de encarar a vida de modo mais responsável, no sentido sartreano.

[...] o primeiro passo do existencialismo é o de pôr todo homem na posse do que ele é de submetê-lo à responsabilidade total de sua existência. Assim, quando dizemos que o homem é responsável por si mesmo, não queremos dizer que o homem é apenas responsável pela sua estrita individualidade, mas que ele é responsável por todos os homens (Sartre 2014, p. 11).

No campo artístico-cultural, a temática da morte se inscreve na farta produção literária de que temos conhecimento, inclusive, Sartre que a trata em sua Literatura. De qualquer forma, é enumerável a quantidade de obras literárias (poesia, prosa, teatro) que abordam o tema da morte e (re)criam encenações para o insuportável estado de luto. De certo, a produção literária é capaz de expressar o inexpressável, de abordar o luto no interior de um projeto estético e linguístico-discursivo, servindo, assim, ao outro, como modo de socialização das experiências humanas.

Nesse sentido, Literatura e Filosofia, cada qual à sua maneira, resistem à ideia contemporânea segunda qual a morte é assunto particular e solitário; reservado ao espaço do silêncio. Mesmo que possamos concordar que a morte é uma função da natureza, sabemos que os seres humanos temem sua própria morte e a morte de seu próximo. Comprovada essa atitude humana, concordamos com Morin (1970), quando postula a impossibilidade de conhecimento do homem, sem avaliar nele o fenômeno da morte, tendo em vista que os seres humanos se revelam na morte.

Como a morte faz parte da vida humana, e é incontornável e inevitável a cada um de nós, é-nos essencial reconhecê-la e refletir sobre ela, a fim de compreendermos mais profundamente a vida e a condição humana, já que a reflexão da morte, conforme pontuaremos doravante, é uma reflexão produzida pelo vivo para vida. Com efeito, o medo da morte gera angústia, por isso, pensamos que a melhor maneira de lidar com esse medo é refletir crítica e existencialmente sobre a morte; para, por fim, promover uma transformação na maneira pela qual vivemos e percebemos nossa própria existência no mundo.

Dessa forma, propomo-nos a refletir filosoficamente sobre a morte e, mais do que isso, lembrá-la, (*memento mori*), compreendendo-a como uma função natural, conforme argumentaram diversos pensadores, mas também como uma função social e cultural, de grande penetração na Filosofia e na Literatura, por isso, reflexiva e estética. De fato, como veremos mais adiante, tanto Sartre quanto Lya Luft recorrem a espaços de pensamento libertadores, que perpassaram pelas atitudes dos homens perante a morte na sociedade ocidental.

## 2 AS ATITUDES DOS HOMENS PERANTE A MORTE

Na sociedade ocidental, as atitudes perante a morte foram mudando de forma lenta e progressiva. Entretanto, o que não mudou foi a consciência da finitude da vida, que aparece como uma súbita invasão do Nada na elaboração íntima sobre o ser. Tudo se resume, diz Cioran (2020), ao medo da morte. O mergulho íntimo em busca do saber sobre a morte destrói aos poucos as formas sociais que recobrem o cerne da subjetividade. Por isso, a morte torna-se, em dado momento da história, tabu e, por consequência, palavra interdita.

A compreensão da finitude da vida faz com que o homem imprima em uma dada cultura – pensamos, particularmente, na cultura ocidental –, atitudes diante da implacável presença da morte. A Filosofia e a Literatura, cada qual à sua maneira, refletiram sobre a temática, o que não deixa de ser uma reflexão acerca da vida. De fato, olhares escreventes – metafísicos, éticos ou estéticos – registraram, sem cessar, o homem como ser biológico, cultural e social, mas não se fecharam ao lembrá-lo de sua finitude. Nesse sentido, é notável acompanhar de que maneira as mudanças da atitude perante a morte em uma dada cultura atravessam os discursos filosóficos e literários.

Uma primeira atitude cobre os longos séculos na ordem do milênio, a qual Ariès (2012) chama de **a morte domada**. Nesse período, a morte, antes de se efetivar, surge como uma advertência. Não se trata de ameaça, misticismo ou premonição, porém avisos dados por meio de sinais naturais; um reconhecimento espontâneo de que a morte estava próxima. Ao contrário da ideia de que a morte chega sem aviso, nesse caso, a morte faz um anúncio prévio, como comenta Ariès na seguinte passagem narrativa que destacamos em itálico:

*“Sabei – o Gawain – que não viverei dois dias”.*

*O rei Ban teve uma queda grave. Quando voltou a si, percebeu que o sangue escarlate lhe saía pela boca, pelo nariz, pelas orelhas: “Olhou o céu e pronunciou como pode... ‘Ab, Senhor Deus, socorrei-me, pois vejo e sei que é meu fim”.* Vejo e sei (Ariès, 2012, pp. 32-33).

Além disso, é preciso ressaltar dois aspectos relevantes na atitude da morte domada.

O primeiro diz respeito à “simplicidade com que os ritos da morte eram aceitos e cumpridos, de modo cerimonial, evidentemente, mas sem caráter dramático ou gestos de emoção excessivos” (Ariès, 2012, pp. 39-40). O segundo aspecto refere-se à coexistência dos vivos e dos mortos, já que a “expulsão” dos mortos da *urbi* passa a ocorrer com a proibição da construção de cemitérios nas cidades. Mas os mortos permanecerão nas cidades com a prática do culto dos mártires.

Uma segunda atitude pode ser observada a partir dos séculos XI e XII, a qual Ariès (2012) identifica como a **morte de si mesmo**. Não se trata de uma ruptura com a atitude anterior – a morte domada –, mas de práticas que, paulatinamente, darão um sentido dramático e individual à concepção coletiva que o homem medieval possuía em relação à morte. Essas práticas estariam ligadas a quatro fenômenos que introduzem, no interior da ideia do destino coletivo da espécie, uma preocupação individual perante a morte.

- O primeiro fenômeno analisado por Ariès (2012), **a representação do Juízo Final**, retira do centro a ideia segundo a qual a população dos santos (*ad sanctos*) tinha assegurada a ressurreição, e que não haveria espaço para responsabilização individual. No século XII, a

cena é transformada pela inserção no imaginário social da ressurreição dos mortos: o Juízo. Dessa forma, o espaço para a responsabilização particular é ocupado pelo indivíduo, que será julgado segundo as boas ou más condutas na sua vida. Todavia, a morte não é mais o fim: o destino inevitável a ser experimentado por todos os vivos. Recusa-se, agora, a acreditar que o desfalecimento do corpo físico é o triunfo da morte. Acredita-se, ao contrário, “em uma vida além da morte que não ia necessariamente até a eternidade infinita, mas que promoveria uma conexão entre a morte e o final dos tempos” (Ariès, 2012, p. 52).

- O segundo fenômeno aparece quando o Juízo é deslocado da encenação universal para o quarto do moribundo, é o que Ariès (2012) chama de **o deslocamento do Juízo para o fim de cada vida**. O discurso do Juízo para o fim de cada vida é encontrado em gravuras e livros do século XV e XVI e retoma o modelo tradicional, em que o moribundo se encontra deitado à espera da morte. Porém, agora, na simplicidade do evento da morte, seres sobrenaturais surgem no quarto do moribundo, postando-se na cabeceira da cama, eles se revelam apenas ao convalescente. De um lado, “a Trindade, a Virgem e toda a corte celeste e, de outro, Satã e o exército de demônios monstruosos” (Ariès, 2012, p. 53). Diferente da representação do Juízo observada nos séculos XII e XIII, Deus agora não tem o estatuto de juiz, mas de árbitro ou testemunha.<sup>2</sup>
- O terceiro fenômeno é nomeado por Ariès (2012) de **os temas macabros e a decomposição física**. Trata-se do aparecimento de cadáveres decompostos na arte em geral. Nesse momento, um discurso sobre a morte começa a carrear as obras artísticas, ou melhor, um modo particular de dizer sobre a morte começa a aparecer nas produções artístico-culturais: trata-se do horror da decomposição dos corpos. Ariès destaca a poesia dos séculos XV e XVI que passa a revelar, pelo discurso artístico-literário, o fracasso do homem, em sua vida social e política, pela putrefação do corpo físico.
- O último fenômeno analisado por Ariès (2012) diz respeito à **volta à epígrafe funerária**, que concerne à individualização das sepulturas, mais ou menos como as conhecemos atualmente, com destaque para as placas de inscrição “aqui jaz” e os testamentos, os quais davam notícia sobre as vontades dos defuntos. Com essas inscrições, o que importava não era o lugar exato da colocação do corpo, mas, sobretudo, a evocação da identidade do morto. “No espelho de sua própria morte, cada homem redescobria os segredos de sua individualidade [...] [o homem] descobriu a morte de si mesmo” (Ariès, 2012, p.65).

Uma terceira atitude pode ser verificada a partir do século XVIII, momento em que o homem ocidental constrói um sentido novo para a morte, Ariès a compreende como **a morte do outro**. Ao passo que expulsa a morte da vida cotidiana, o homem ocidental passa a dramatizá-la, de forma que ela se torne extraordinária. A dramatização, a qual testemunha a farta literatura romântica, mantém certos ritos de outrora, mas acrescenta algo novo; qual seja, a ideia de que a morte comove. Gestos, emoções e choro, que se desenvolverão no Romantismo por meio do desejo da morte.<sup>3</sup> Não é difícil de observar que a partir desse “novo sentido” para morte haverá um estreitamento afetivo entre o moribundo e sua família.

<sup>2</sup> A esse respeito, Ariès (2012) propõem duas interpretações que se recobrem. A primeira é que se trata de uma luta cósmica entre o bem e mal; forças que se digladiam pela posse do moribundo, objeto impotente na luta. A segunda interpretação considera que a reunião em torno do moribundo o insere numa prova final que substitui o Juízo Final. Uma encenação cósmica colocará em cena a vida do moribundo que, vendo-a passar em sua frente, retoma contato com suas paixões pelos seres e coisas. Será a última tentação; caso repudie as tentações, seus pecados serão apagados, porém, caso a elas se entregue, as suas boas ações no mundo serão anuladas. Ariès observa, ainda, que essa evolução reforça o papel do moribundo no evento de sua própria morte, isto é, determina que seja feita as suas vontades.

<sup>3</sup> A morte surgirá, também, como ato sexual, ganhando um sentido erótico, conforme também testemunhará certa literatura romântica.

Por fim, uma quarta atitude perante a morte é descrita por Ariès (2012) como **a morte interdita**. A morte, presente e familiar no passado, começa a se apagar e desaparecer, torna-se, assim, objeto de interdição. Ou seja, não se trata de cercar o moribundo para lhe “confirmar” que o seu fim se aproxima, mas de lhe negar a morte, ou melhor, de retardar o seu anúncio. “O moribundo deve um dia saber, mas nesse momento os parentes não têm mais a coragem cruel de dizer eles próprios a verdade (Ariès, 2012, p. 85). Em outras palavras, a verdade sobre a morte passa a ser um problema e, por enquanto, é colocada debaixo do tapete.

Os ritos da morte, embora ainda seguidos, começam a ser esvaziados de sua dramaticidade e a vida, isto é, a felicidade é exaltada.

A primeira motivação da mentira foi o desejo de poupar o enfermo de assumir sua provação. Porém, bem cedo esse sentimento [...] foi superado por um sentimento diferente, característico da modernidade: evitar não mais ao moribundo, mas à sociedade, mesmo aos que o cercam, a perturbação e a emoção excessivamente fortes, insuportáveis, causadas pela fealdade da agonia e pela simples presença da morte em plena vida feliz, pois, a partir de então, admite-se que a vida é sempre feliz, ou deve sempre aparentá-lo (Ariès, 2012, p. 85).

A morte passa, então, a ocupar um lugar fora do espaço familiar. O moribundo morre num hospital, lugar onde, paradoxalmente, quase não se fala de morte. Nesse sentido, Cioran (2020) argumenta que as doenças, à medida que revelam o quão frágil é a vida, possuem um estatuto filosófico. Por isso, a revelação, para cada um de nós, da imanência da morte pode ser alcançada através das enfermidades.

Lembramos que, mesmo acompanhando Ariès (2012), deixamos de assinalar muitas particularidades por ele analisadas. Contudo, pensamos estar claro que o recorte sobre a temática da morte neste trabalho tem a ver com a reflexão sobre a finitude da vida, e não com a morte acidental, que poderia ser definida pela constatação de que “para morrer, basta estar vivo”. Esse ponto merece destaque, já que as atitudes perante a morte e o pensamento sobre a morte se inscrevem, nos discursos filosóficos e literários, por meio de uma reflexão intimista acerca da finitude da vida. Com efeito, a vida cotidiana influi de modo inequívoco na Filosofia e na Literatura, na medida em que estas não podem existir fora de seu tempo.

Dessa maneira, é tentador aproximar certas atitudes perante a morte a reflexões filosófico-literárias sobre a morte. Porém, é necessário observar que o protagonismo ritualístico do moribundo, ora destacado por Ariès (2012), diante das “atitudes” culturais identificadas desde o início do milênio, é deslocado, na Filosofia e na Literatura, para um protagonismo filosófico e estético-reflexivo. Ou seja, no discurso filosófico e literário, é o vivo quem escreve sobre a morte. Nesse sentido, escrever, dizia Montaigne, é aprender a morrer.

No caso da literatura, as atitudes perante a morte se inscrevem de diversas formas no discurso literário, o que, de fato, revela que a escrita contribui com o processo de lidar com a morte. Por exemplo, a dramatização da morte que Ariès (2012) identifica como morte de si mesmo está impregnada na cultura ocidental atual. O fenômeno da representação do Juízo Final recorta inúmeras obras e contextos literários.

Em língua portuguesa, lembramos aqui do *Auto da Barca do Inferno*, encenada pela primeira vez em 1517, como a primeira parte de uma trilogia de Gil Vicente. Também, de forma satírica, o *Auto da Compadecida*, de Ariano Suassuna, de 1955, dialoga não apenas com o discurso vicentino, mas também com o discurso do Juízo. Ambos os *Autos*, no entanto, encenam a atitude perante a

morte num espaço em que o indivíduo é julgado segundo as boas ou más condutas na sua vida. No primeiro, o benefício de uma vida além da morte será do parvo; no segundo, o mentiroso ganha uma nova chance na terra.

Ademais, podemos reconhecer na poesia simbolista de Augusto dos Anjos – que “canta a miséria da carne em putrefação” (Bosi, 2002, p. 289) – os temas macabros e a decomposição física que nos remetem ao tempo e às poesias dos séculos XV e XVI.

[...]  
 Já o verme — este operário das ruínas —  
 Que o sangue podre das carnificinas  
 Come, e à vida em geral declara guerra,

Anda a espreitar meus olhos para roê-los,  
 E há-de deixar-me apenas os cabelos,  
 Na frialdade inorgânica da terra!<sup>4</sup>

E, também, situar o Romantismo gótico de Álvares de Azevedo e Junqueira Freire no “desejo de morte” do século XVIII.

[...]  
 Por isso, ó morte, eu amo-te e não temo:  
 Por isso, ó morte, eu quero-te comigo.  
 Leva-me à região da paz horrenda,  
 Leva-me ao nada, leva-me contigo.<sup>5</sup>

Podemos, enfim, examinar de que maneira essas atitudes perante a morte recobrem os dias atuais, particularmente, como a Filosofia e a Literatura constroem espaços discursivos para produzirem textos que enfatizam a morte como um limite absoluto, no qual serão exigidas escolhas autênticas, ou seja, atitudes responsáveis perante a morte. Para tanto, mobilizamos, na próxima seção, a filosofia existencialista de Sartre na obra *O Ser e o Nada*.

### 3 A MORTE COMO LIMITE DA EXISTÊNCIA

Como sabemos, a morte é um tema recorrente na Filosofia Existencialista de Sartre e em diferentes discursos da Literatura Universal e da Brasileira. Na história da Filosofia, a morte é considerada uma questão fundamental da existência humana, levando a reflexões sobre o sentido da vida, a natureza da mortalidade e a forma como devemos viver diante dessa realidade inevitável. Na Filosofia de Sartre, a morte, muitas vezes, é explorada como parte da condição humana e como elemento que molda a liberdade e a responsabilidade individuais. Para Sartre, a existência humana

<sup>4</sup> *Psicologia de um vencido*, Augusto dos Anjos.

<sup>5</sup> *A morte (hora do delírio)*, Junqueira Freire.

é definida pela liberdade e pela responsabilidade, e a morte é o limite final dessa liberdade, portanto, a morte torna-se o fim definitivo da consciência.

No discurso de Lya Luft, conforme veremos mais adiante, a morte não é somente um meio de tomada de consciência das experiências da vida, mas uma estratégia de expressão linguístico-discursiva, que define regimes enunciativos e condições específicas dos sujeitos no interior de uma sociedade. Nessa senda, a morte emerge, também, como um trabalho estético, já que esse discurso materializa ideias e pensamentos da sociedade, nas condições sócio-históricas de sua produção, na medida em que desfaz as armadilhas do já dito e das ideias recebidas, ao mesmo tempo em que deixa perceber as tensões e as aporias reveladoras de um impensado (Amossy, 2004). Considerando a interdiscursividade com a Filosofia sartreana, é possível suscitar que Literatura e Filosofia compartilham um terreno comum na exploração das experiências humanas mais profundas e íntimas, embora o façam de maneiras distintas, mas complementares.

Antes de avançarmos para as considerações acerca da filosofia existencialista de Sartre e a análise do texto de Luft, faz-se necessário introduzir uma concepção de discurso literário e, em particular, a noção de cenografia, postulada por Maingueneau (2006).

No sentido atribuído por Maingueneau (2006), o discurso literário não advém de um criador soberano. Ao contrário, mesmo que possua uma especificidade, ele não está apartado, não é, portanto, obra de um gênio. Nessa perspectiva, o discurso literário faz parte do plano dos discursos constituintes, os quais designam aqueles discursos (literário, filosófico, científico, religioso) que se propõem como discursos de Origem; *archeion*, sede da autoridade, ligados a *arché*, “fonte” e “princípio”, e, depois, a “mandamento” e “poder”. Esses discursos, diferentes entre si, compartilham certas propriedades que dizem respeito à suas condições de emergência, de funcionamento e circulação. Além disso, têm o mérito de conferir sentidos aos atos de fala de uma coletividade.

Ele associa [o termo grego *archeion*], dessa maneira, intimamente, o trabalho de *fundação* no e pelo discurso, a determinação de um lugar vinculado com um *corpo de locutores consagrados* e uma elaboração da *memória*. Os discursos constituintes são discursos que conferem sentido aos atos da coletividade, sendo em verdade os garantes de múltiplos gêneros do discurso (Maingueneau, 2006, p. 61, destaques do autor).

Por isso, assim como a perspectiva sobre morte no discurso de Luft pode ser reproduzido infinitamente pela coletividade, a filosofia sartreana nessa temática possui, igualmente, um estatuto singular: “zonas de fala entre outras e falas que se pretendem superiores a todas as outras” (Maingueneau, 2006, p. 61). No entanto, nas condições sócio-históricas atuais, podemos suscitar uma questão sobre a Filosofia existencialista sartreana que “fala” da morte, e o discurso literário, atribuído a Lya Luft que, também, “fala” da morte: trata-se dos modos de circulação, coprodução e, particularmente, dos modos de transmissão de ambos os discursos (Debray, 1993, 1998). O que está em relevo nesse particular é saber como uma ideia se torna força material. Em outras palavras, como um pensamento ontológico, fundado em disputas filosóficas, chega a uma literatura que se pretende conselheira e popular.

Sartre (1953) explora a questão da morte como um limite absoluto da existência humana, isto é, um fenômeno que marca o fim da liberdade humana e a impossibilidade de projeção no futuro. Nesse sentido, a morte passa por um processo de interiorização e humanização e, conforme assinalamos anteriormente, a morte se converte no sentido da vida; são vivos, definitivamente, que

refletem sobre a morte. Com isso, Sartre argumenta que a morte em si não pode ser experimentada diretamente pelo sujeito, pois se determina como a cessação da consciência. Por isso, ela é um nada para o sujeito e não deve ser o foco central da existência humana, bem como a “fila”, em que todos estamos, não deve ser um espaço paralisante.

Vejam os textos *Estamos todos na fila*, atribuído a Lya Luft.

### **Estamos todos na fila<sup>6</sup>**

Estamos todos na fila...

A cada minuto alguém deixa esse mundo pra trás. Não sabemos quantas pessoas estão na nossa frente. Não dá pra voltar pro “fim da fila”. Não dá pra sair da fila. Nem evitar essa fila.

Então, enquanto esperamos a nossa vez:

Faça valer a pena cada momento vivido aqui na Terra.

Tenha um propósito.

Motive pessoas!

Elogie mais, critique menos.

Faça um ninguém se sentir um alguém do seu lado.

Faça alguém sorrir.

Faça a diferença.

Faça amor.

Faça as pazes.

Faça com que as pessoas se sintam amadas.

Tenha tempo pra você.

Faça pequenos momentos serem grandes.

Faça tudo que tiver que fazer e vá além.

Viva novas experiências.

Prove novos sabores.

Não tenha arrependimentos por ter tentado além do que devia, por ter valorizado alguém mais do que deveria, por ter feito mais ou menos do que podia.

Tudo está no lugar certo.

As coisas só acontecem quando têm que acontecer.

Releve.

Não guarde mágoas.

Guarde apenas os aprendizados.

Liberte o rancor.

Transborde o amor.

Doe amor.

Ame, mesmo quem não merece.

Ame, sem querer receber nada em troca.

Ame, pelo simples fato de você vibrar amor e ser amor. Mas sempre, ame a si mesmo antes de qualquer coisa.

Esteja preparado para partir a qualquer momento. Você não sabe seu lugar na fila, então se prepare para deixar aqui apenas boas lembranças.

Suas mãos vão embora vazias. Não dá pra levar malas, nem bens...

Se prepare diariamente para levar consigo somente aquilo que tem no coração.

(texto atribuído a Lya Luft)

<sup>6</sup> Conforme fora dito anteriormente em nota, atribuímos esse texto a Lya Luft.

É preciso mobilizar nesse momento a noção de cenografia, desenhada por Maingueneau (2006), para deixar mais clara a intersecção entre a filosofia existencialista sartreana e o discurso literário de Luft. A cenografia instala dispositivos de comunicação, valida seus enunciadores, movimentando lugares e define espaço e tempo em que é atribuído ao coenunciador um lugar previamente construído. Cada discurso, no momento de sua enunciação, cria uma cenografia própria, peculiar àquele discurso. Neste sentido, para Maingueneau, a cenografia se torna um lugar de produtividade particular de cada discurso. Além disso, para se constituir um evento de fala, o discurso impõe uma cenografia, não um simples processo estético, mas um fato inerente ao discurso literário. Por isso, “a cenografia é a cena de fala que o discurso pressupõe para poder ser enunciado e que em contrapartida deve validar por meio de sua enunciação.” (Maingueneau, 2006, p.192).

O discurso *Estamos todos na fila* implica uma situação de enunciação, sistema de coordenadas abstratas, associadas a toda produção verbal. A situação de enunciação não se refere ao entorno físico ou social, no qual estariam os interlocutores, mas ao sistema no qual são definidas as posições fundamentais do enunciador, do coenunciador e da não-pessoa. Assim, a situação de enunciação constrói um conjunto de posições abstratas onde se estabilizam as atividades enunciativas; em particular, a sua base é a marcação dos *déiticos*. Para evitar ambiguidades em torno da noção de “situação de enunciação”, Maingueneau (2006) propõe a noção de “cena da enunciação”, que tem o mérito, segundo ele, de considerar o processo do interior e não do exterior, em relação a situação de fala que pretende definir. Um texto, portanto, “é na verdade o rastro de um discurso em que a fala é encenada”. (Maingueneau, 2006, p. 250). Lembremos: “um texto é o rastro de um discurso”.

Disso, Maingueneau (2006) distingue três cenas que operam em planos complementares: a cena englobante, a cena genérica e a cenografia, esta última que pode recorrer a uma cena validada ou não socialmente. A cena englobante equivale ao “tipo” de discurso, por exemplo, literário e filosófico; a cena genérica diz respeito ao gênero do discurso, cartas e poemas, por exemplo. E, por fim, a cenografia, a cena de fala que “o discurso pressupõe para poder ser enunciado e que em troca ele precisa validar através da sua própria enunciação” (Maingueneau, p. 253). Ou seja, a cenografia não é imposta pelo gênero, mas é construída pelo próprio texto à medida que a enunciação se desenvolve.

Quando Sartre (1953) sugere que a consciência da morte deve motivar os seres humanos a viver autenticamente, reconhecendo sua liberdade e sua responsabilidade que ela implica, podemos suscitar uma cenografia de conselho, construída pelo discurso de Luft, que nos coloca em uma “fila”, da qual “Não dá pra voltar pro “fim [...]”. Não dá pra sair [...]. Nem evitar [...]”. Estar na fila é ouvir sussurrado no ouvido *memento mori*. A lembrança da morte atua como um signo da finitude da vida, mas também evoca – por meio dos verbos no modo imperativo, “elogie”, “faça”, “viva” etc. – conselhos e incentivos a cada ser humano para viver seus valores e escolhas de modo autônomo. A morte, conforme argumenta Sartre, é a possibilidade última de minhas possibilidades, por isso, estar na fila é ainda uma oportunidade para viver de modo pleno.

A cenografia afasta, assim, as cenas englobante e genérica. Não se trata mais de saber que é literatura (cena englobante), tampouco que se trata de um poema (cena genérica), o leitor recebe o texto contado por um conselheiro desconhecido (“Estamos todos na fila”; “Então, enquanto esperamos a nossa vez”), que apenas se coloca na condição daquele que está na fila no início (“nós”), depois, a cenografia de conselho valida os estatutos do enunciador (conselheiro-guromortal), o espaço (“fila”, “a Terra”) e o tempo (agora). Nessa cenografia, o leitor lembra-se de que o lugar a ele atribuído na cena narrativa é um lugar da existência humana, em última instância, a “fila” suscita/sussurra “*memento mori*”.

Diferente da ideia heideggeriana do *ser-para-a-morte*, que considera a morte como um componente central da existência humana, um horizonte que garante sentido à vida. Sartre (1953) argumenta que a morte é simplesmente uma eventualidade inevitável que não define o sentido da vida em si. Todavia, a morte apresenta uma dimensão social pois, embora o sujeito não possa experienciar sua própria morte, a morte dos outros é um evento real e significativo: “A cada minuto alguém deixa esse mundo pra trás. Não sabemos quantas pessoas estão na nossa frente”. Assim, a morte do outro pode nos afetar profundamente, fazendo-nos confrontar a própria mortalidade e a natureza transitória das relações interpessoais. “Não tenha arrependimentos por ter tentado além do que devia, por ter valorizado alguém mais do que deveria, por ter feito mais ou menos do que podia”.

Vale ressaltar que na abordagem filosófica de Sartre (1953), cada sujeito é tido como um projeto que se constrói e reconstrói constantemente. Esse aspecto nos permite constatar, no discurso de Luft, a relevância da reiteração dos verbos no modo imperativo. O emprego do imperativo, em geral, objetiva exortar o leitor a cumprir ação indicada pelo verbo, senão cumprir, pelo menos lembrar que é preciso rever os modos de convivência social, ou seja, construir e reconstruir o projeto de si. Sabendo que a morte interrompe esse projeto sem lhe dar um sentido, faz-se necessário (re)construir o sentido, por meio das atitudes, escolhas e comportamento de cada sujeito durante sua existência. Em síntese, podemos afirmar que tanto em Sartre, como no discurso literário de Luft, a morte é um limite inescapável da existência humana, não como um ponto central que dá sentido à vida.

Em ambos os discursos, a morte reforça a importância da liberdade e da responsabilidade das vidas humanas, lembrando da finitude e da necessidade de viver dignamente. Sartre (1953) concebe a existência humana pela facticidade – que se refere às condições a ela ofertadas, incluindo o fato de que somos seres para a morte – e pela transcendência. Enquanto a cenografia de conselho em Luft se mostra pela necessidade de rever o projeto e fazer escolhas autênticas e responsáveis. Por sua vez, Sartre não entende a morte como um evento positivo, que dá sentido à vida, mas como um limite intransponível que não pode ser experienciado diretamente. Podemos, enfim, dizer que a morte, para Sartre, é o fim de todas as possibilidades e, portanto, uma negação da liberdade que caracteriza a nossa existência.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso estudo examinou, com base na Filosofia Existencialista de Sartre, o fenômeno da morte, relacionando-a ao dispositivo criativo do discurso literário de Lya Luft, no texto *Estamos todos na fila*. Para isso, mobilizamos como aparato teórico a Filosofia Existencialista de Sartre, com enfoque na concepção de morte, compreendida como a finitude de um projeto dos seres humanos. A produção literária sobre a morte se conecta a questões que atravessam as reflexões existencialistas de Sartre e que nos permitiram aproximar Literatura e Filosofia. Para nós, a fila corresponde a uma metáfora em que o sentido próprio, real e objetivo desse item lexical recebe um sentido figurativo e representativo. Ao supormos um sentido metafórico à fila, supomos ainda uma verdade predeterminada, uma realidade objetiva de algo da vida. Por isso, adotamos, em nossa análise, um ponto de vista semelhante ao Empirismo Lógico, na medida em que apreendemos o sentido de fila como algo de natureza abstrata e simbólica.

A morte nos limita, angustia e encerra um projeto que edificamos a todo momento. Contudo, ela nos impulsiona a lutar pela concretização de nossos projetos de vida. De certa forma, a experiência da morte nos ensina como devemos viver, pois, ainda que ela nos separe de nossos semelhantes, ela nos ensina perceber o outro no mundo e, por conseguinte, a nós mesmos. **A Morte como um evento definidor da vida** e a consciência da morte intensifica a urgência de viver autenticamente. A morte, sendo uma certeza inevitável, segundo Sartre, desafia a cada um de nós a confrontar nossas próprias escolhas e a vivermos intensamente de maneira digna.

Ressaltamos que a Literatura serve como um meio poderoso para explorar e expressar as complexidades da existência humana e da morte. Textos literários que abordam a morte frequentemente ecoam os temas existencialistas, provocando reflexões profundas sobre o sentido da vida e a condição humana. A influência duradoura da filosofia existencialista de Sartre na Literatura e no pensamento contemporâneo continua a inspirar escritores, filósofos e leitores a confrontarem suas próprias realidades e a buscarem autenticidade em suas vidas. Consideramos, enfim que só podemos viver intensamente e gozar da vida se tomarmos consciência de que somos seres finitos e mortais. Sermos mortais é condição da própria existência humana e a fila comprova isso. As ideias de Sartre sobre liberdade, responsabilidade e a condição humana têm repercussões na cultura contemporânea, influenciando não apenas a literatura, mas também outras formas de arte e a experiência literária que simboliza a morte

## REFERÊNCIAS

AMOSSY, Ruth & MAINGUENEAU, Dominique (orgs). **L'analyse du discours dans les études littéraires**. Paris: Presses Universitaires du Mirail, 2004.

ARIÈS, Phillippe. **História da morte no ocidente: da Idade Média aos nossos dias**. Tradução Priscila Viana de Siqueira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. Ed. 40. Cultrix, 2002.

CIORAN, Emil. **Nos cumes do desespero**. Tradução de Jorge Melícias. Lisboa: Edições 70, 2020.

DEBRAY, Régis. **Curso de midiologia geral**. Tradução João de Freitas Teixeira. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.

DEBRAY, Régis. Régis Debray: as tecnologias da crença. **Revista FAMECOS**. Porto Alegre, nº 9, dezembro, p. 8-14,1998.

EPICURO. **Carta sobre a felicidade**. Tradução Álvaro Lorencini e Enzo Del Carratore. São Paulo: UNESP, 2002.

**A filosofia existencialista de Sartre e o discurso literário em torno da morte**  
NASCIMENTO, Jarbas Vargas; FERREIRA, Anderson

FONTANA, Vanessa Furtado. Sartre: o existencialismo em torno da morte. *Aufklärung*, João Pessoa, v.7, n.3., Set. Dez., 2020, p.99-110.

GODELIER, Maurice (org.) **Sobre a morte**: invariantes culturais e práticas sociais. Tradução Edgar de Assis Carvalho e Mariza Perassi Bosco. Organização Maurice Godilier. Brasil, Edições Sesc-SP, 2017.

MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso Literário**. Tradução Adail Sobral. – São Paulo: Contexto, 2006.

MORIN, Edgar. **O homem e a morte**. Tradução por João Guerreiro Boto e Adelino dos Santos Rodrigues. São Paulo: Europa América, 1970.

MUNIZ, Paulo Henrique. O estudo da morte e suas representações socioculturais, simbólicas e espaciais. *Revista Varia Scientia*. Unioeste. V.6 n12. pp.159-169.

PLATÃO. **Fédon. Os pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1983. Versão eletrônica do diálogo platônico “Fédon” Tradução: Carlos Alberto Nunes, Créditos da digitalização: Membros do grupo de discussão Acrópolis (Filosofia). Disponível em: <http://br.egroups.com/group/acropolis/>. Acessado em: 21 maio. 2024.

SARTRE, Jean Paul. **L'Être et le néant – Essai d'ontologie phénoménologique**. Paris: Gallimard, 1953.

SARTRE, Jean Paul. **La Nausée**. Paris: Foxit. 2003.

SARTRE, Jean-Paul. **O existencialismo é um humanismo**. 3. ed. Petrópolis Rj: Vozes, 2014.